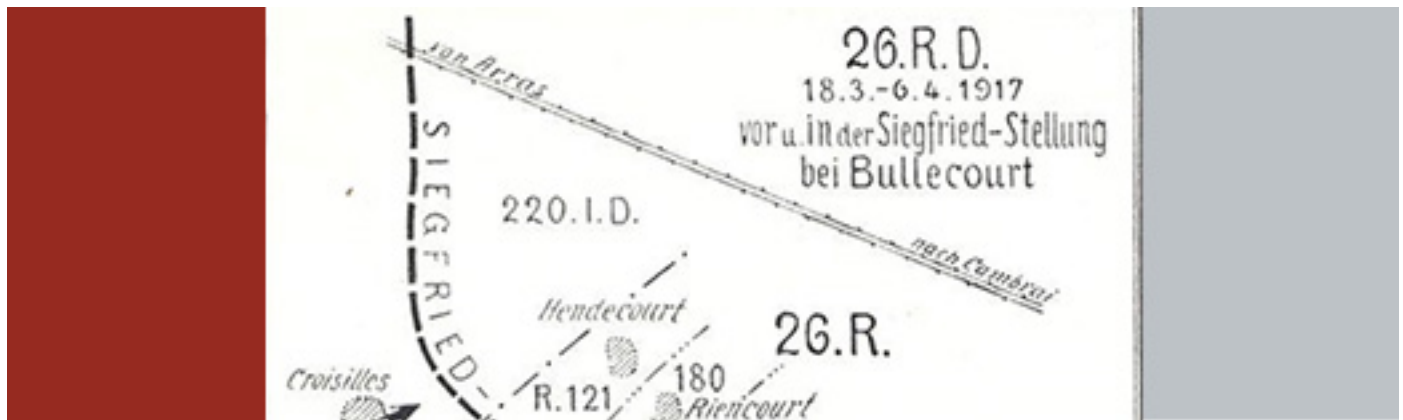


A EFICIÊNCIA DO AÇO: TECNOLOGIA BÉLICA E A HERANÇA DA BATALHA DE CAMBRAI (1917)

Fernando César



“A guerra deve acontecer, enquanto estivermos defendendo nossas vidas contra um destruidor que poderia devorar tudo; mas não amo a espada brilhante por sua agudeza, nem a flecha por sua rapidez, nem o guerreiro por sua glória. Só amo aquilo que defendem.”

J. R. R. Tolkien

A arte da guerra, possivelmente em toda sua dimensão, evidencia nos homens a emergência da compreensão do conceito de progresso. Essa compreensão não requer, necessariamente, um arcabouço teórico das táticas militares, tal como um efetivo aparato intelectual e crítico que permita ao sujeito a construção de um posicionamento diante de determinado conflito. A guerra é um dado do real, um fim concreto da ação que permite à humanidade entender a noção clara dos seus limites e, obviamente, os meios possíveis para ultrapassá-los. Sob tal contexto, a Primeira Guerra Mundial representa uma nova fronteira nos limites tecnológicos da humanidade, sendo o objetivo da aplicação dessa tecnologia a principal vertente da engenharia bélica nos anos subsequentes. A Primeira Guerra Mundial significou uma

batalha de extremos: embasada nas trincheiras, cresce no gatilho dos rifles e sucumbe na esteira dos tanques.

Um dos episódios que simboliza claramente o derradeiro caráter da modernidade bélica empregada na Primeira Guerra, a Batalha de Cambrai representa também um dos embates cruciais inseridos no contexto do desfecho do conflito global.

A comuna de Cambrai, localizada no norte da França (na região administrativa do Nord-Pas-de-Calais), situa-se em um importante centro de abastecimento das tropas alemãs, dentro do sistema da Sigfried-Stellung, a estratégia de defesa linear, incorporada a Linha Hindenburg e implantada pelos alemães no norte da França a partir de 1916. A Sigfried-Stellung (ou Linha Sigfried), representava um conjunto de edificações defensivas e materiais de artilharia que interligavam-se, montando um sistema de defesa e contra-ataque que se estendia por aproximadamente 630 quilômetros. Como a Linha Sigfried configurava-se também como uma fortificação de recuo, através dela seria possível garantir a segurança da retaguarda do exército alemão, já instalado no in-

terior da França, também possibilitando uma retirada estratégica das tropas, caso necessário. A linha seria reativada após o fim da Primeira Grande Guerra e utilizada como estratégia pelo governo nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

É nesse contexto que se encontram as tropas britânicas do Terceiro Exército, comandadas pelo general Julian Byang que, em 20 de Novembro de 1917, utilizando uma larga frente equipada com tanques armados com metralhadoras e peças de artilharia de médio porte (os modelos Mark IV e o francês Renault FT 17 foram densamente utilizados durante o conflito). O avanço inicial dos 476 blindados foi vigoroso. A combinação de peças de artilharia, infantaria e tanques representou um potencial avassalador no escopo imediato do conflito. Após romperem os limites da Linha Hindenburg, os britânicos avançaram por 8 quilômetros, de início.

Com o decorrer do conflito, os tanques apresentaram diversos problemas (após o primeiro dia de batalha, uma parte significativa dos blindados já havia apresentado falha na operação) e, somado ao contra-ataque massivo perpetrado pelos alemães diante a ofensiva, ocorreu um arrefecimento do avanço britânico pelo território.

O contra-ataque se iniciou em 28 de novembro, logo após os ingleses terem atingido o cume de Bourlon. Vinte divisões do exército alemão foram enviadas à região, com o objetivo inicial de retomar as posições conquistadas pelo IV Corpo do Terceiro Exército britânico, retomando a defesa até a Linha Hindenburg. As táticas de defesa alemã combinavam o uso intenso do ataque de artilharia e táticas de infantaria de infiltração, com boa velocidade e diversificação, permitindo o ataque não só em uma frente, mas em vários pontos. Mesmo apresentando resistência substancial ao contra-ataque alemão, o exército britânico recua e soma poucos ganhos após o conflito. A ineficiência dos blindados mostra-se crucial para a defasagem do exército britânico.

A herança da tecnologia empregada na batalha de 1917 reverberou através do tempo, acabando por ecoar durante os conflitos componentes da Ofensiva dos Cem Dias, em 1918, como é conhecido o conjunto de sub-

conflitos que culminaram no Armistício de Compiègne (precursor ao Tratado de Versalhes), pondo fim nos conflitos entre os Aliados e a já derrotada Alemanha. Um segundo conflito foi deflagrado na região de Cambrai, em 8 de outubro de 1918 e a utilização de blindados também se fez presente. A Primeira Grande Guerra havia se assentado sobre um novo patamar: o maquinário bélico, criado pelo homem através da inventiva necessidade estratégica, se tornara uma premissa do desenvolvimento.

O século XX, por se apresentar como um século primordialmente conflituoso e beligerante, viu nascer uma nova era nos conflitos. Com a exponencial diminuição das fronteiras físicas e virtuais, o mundo, tal como uma tragédia grega de Eurípedes, vê seus personagens surgirem e desaparecem diante de seus próprios legados, fazendo sobrepôr à sua existência um cenário de desenvolvimento imensurável e inesperado. A tecnologia muda a história e orienta a trama que une as relações entre países e indivíduos. A arma dá sentido a guerra e, ao mesmo tempo, revoluciona-a. “Deus ex machina”.

Bibliografia

IWM - Imperial War Museum. “The Battle of Cambrai”. Disponível em: <<http://www.iwm.org.uk/history/the-battle-of-cambrai>>. Acessado em: 13 de Outubro de 2014.

ALTMAN, Max. “Hoje na história: 1915 – Exército inglês testa o primeiro modelo de tanque de guerra”. Opera Mundi, São Paulo. 6 de setembro de 2012.

Akademie für europäische Integration Interaktion und Kommunikation. “Die Sigfriedstellung – Defensivstellung im Ersten Weltkrieg”. Disponível em: www.akademie-iik.eu/Sigfriedstellung. Acessado em: 14 de outubro de 2014.

MESQUITA, Júlio. “A guerra (1914-1918)”. São Paulo. Editora Terceiro Nome, 2002.

KIFFER, Geraque André. “Batalha de Cambrai, 1917”. 1ª ed. Clube dos Autores, 2011.